



## Oficina 10: FORMANDO COMUNIDADES PACIFISTAS

### Objetivos

1. Desenvolver a consciência da importância e necessidade do estabelecimento de relações comunitárias profundas na educação para a paz.
2. Exercitar a dinâmica de facilitar a relação e a cooperação.
3. Sistematizar conhecimentos de dinâmicas de cooperação e estabelecimento de confiança.

### Desenvolvimento da oficina

#### **Primeiro momento: integração**

1. *Cadeiras cooperativas.* Como no jogo tradicional se colocam cadeiras em uma dupla fila em igual número de participantes. Pede-se que todos ocupem assento. Ao iniciar uma música, o grupo se põe de pé e dança ao redor das cadeiras. Quando a música pára, todos devem sentar-se. Em cada vez, o facilitador retirará duas cadeiras mas não expulsará ninguém do jogo. Ninguém deve deixar de jogar e todos deverão sentar-se em cada volta ao parar a música. O grupo deverá se organizar em cada rodada para permitir que todos sentem. Ao final, restarão apenas duas cadeiras.

#### **Segundo momento: sensibilização**

2. Apresentação dos objetivos da oficina.
3. *Dinâmica dos quadrados cooperativos.* O coordenador distribui os participantes em grupos de cinco pessoas. Para cada grupo de colaboradores deve haver um grupo de observadores. Os colaboradores colocam-se ao redor de uma mesa ou no chão. Os observadores ficam em volta dos colaboradores. O grupo dos colaboradores recebe um envelope para cada um de seus membros. Dentro do envelope há três pedaços de cartolina. Em cinco minutos, cada membro deve formar seu retângulo de três peças, trocando seus pedaços com os outros e observando as seguintes regras: ninguém pode falar, nem por palavras nem por gestos; ninguém pode pedir nada a outra pessoa; só será permitido dar pedaços de cartolina para os outros membros do grupo. O grupo de observadores receberá, por escrito, e sem mostrar aos colaboradores, as perguntas do Recurso de Apoio 2:.
4. Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

#### **Terceiro momento: aprofundamento da temática**

5. Introdução do facilitador.

*Um primeiro pilar metodológico é a formação da comunidade pacifista. Ao se passar de uma concepção subjetivista de paz para um paradigma intersubjetivo, acentuou-se a necessidade de uma mudança de perspectiva na educação para a paz, a qual deixaria de centrar-se na formação de pessoas pacíficas para constituir-se a partir do horizonte do pacifismo, isto é, do engajamento em um movimento organizado, articulado e estruturado em prol da paz. Assim, a educação para a paz pode ser definida, num primeiro momento, como inserção, introdução e iniciação em uma comunidade comprometida e empenhada na luta pela paz. A palavra in-ser-ção aponta para um modo de ser-no-mundo, enquanto a palavra intro-dução ressalta o processo pedagógico de ser conduzido para dentro de uma realidade. O termo iniciação, retirado do vocabulário religioso, aponta para um começo novo de experiência e inter-relação. Todas as palavras indicam a existência de uma teia preexistente de relações e histórias humanas, espaço existente entre as pessoas e que as relaciona e liga. Desvelar esta teia de relações humanas em favor da paz e seu papel no próprio processo de educação para a paz será a tarefa desta oficina.*

6. Estudo do texto "Criando comunidades de vida e ação" (Recurso de Apoio 2).
7. Plenário.
8. Pontualizações do facilitador. É importante aprofundar os seguintes aspectos:
  - a ênfase no aspecto intersubjetivo e estabelecimento de relações;
  - o conceito de diálogo e de tolerância.



#### **Quarto momento: síntese**

*Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.*

9. Trabalho em pequenos grupos com papelógrafo:

- Quais os princípios metodológicos para a construção de comunidades pacifistas?

10. Plenário.

11. Pontualizações do facilitador.

#### **Quinto momento: reconstrução da prática**

*Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.*

12. Momento de encontro em pequenos grupos, para, a partir do Recurso de Apoio 3 (Formando grupos e comunidades de paz), identificar ações e dinâmicas que facilitem a construção de relações e participação.

13. Plenário.

14. Pontualizações do facilitador.

*Pode-se ler – se houver tempo – ou apontar para uma leitura posterior do Recurso de Apoio 4 – Dinâmicas de integração e confiança.*

#### **Sexto momento: avaliação**

15. Por escrito: cada um escreve no seu diário, as idéias e sugestões trazidas por esta oficina e as perguntas a serem ainda perseguidas.

16. Socialização.

#### **Sétimo momento: confraternização**

17. Música “Canção da América”, de Milton Nascimento.

#### Material necessário

1. Quadrados conforme Recurso de Apoio 1
2. Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
3. Papelógrafo.
4. Canetas hidrográficas.
5. Aparelho de som e música de fundo.

#### Bibliografia

DREW, Naomi. *A paz também se aprende*. São Paulo: Gaia, 1990.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. A educação para a paz como inserção em uma comunidade pacifista. In: \_\_\_\_\_. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2005, p. 209-258.

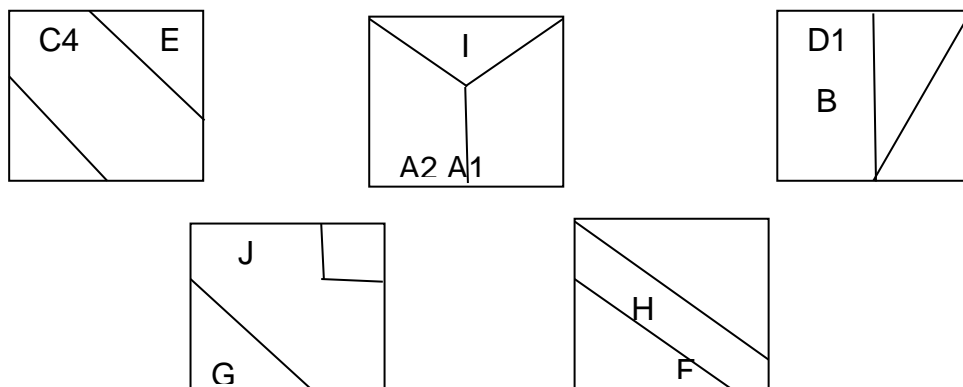
ZAVALETA, Esther. *Educación para la convivencia*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1995.



Recurso de Apoio 1: *Quadrados Cooperativos*  
**Oficina 10**

### Quadrados Cooperativos

Para o desenvolvimento da técnica é indispensável preparar, para cada grupo, cinco envelopes, contendo um número diferente de peças de cartolina em cada um. Essas peças, se unidas, permitem a montagem de cinco quadrados de cerca de 15 cm de lado.



Em cada jogo, os cinco envelopes serão marcados, cada um, por uma das letras: A, B, C, D ou E. A distribuição das frações de cartolina nos cinco envelopes será como segue:

- Envelope A: frações H – G – B
- Envelope B: frações C1 – C2 – C3 – A1
- Envelope C: frações C4 – F
- Envelope D: frações I – D1
- Envelope E: frações J – E – D2 – A2

Marcar no verso de cada peça a letra correspondente a seu envelope para que, após a técnica, se facilite a identificação dos envelopes onde serão guardadas.



Recurso de Apoio 2: Perguntas para os observadores da Dinâmica Quadrados Cooperativos  
**Oficina 10**

**Perguntas para os observadores da Dinâmica Quadrados Cooperativos**

- Quem procura dar suas frações para os outros?
- Há alguém do grupo que conseguiu formar seu retângulo e que se marginalizou do resto do grupo?
- Alguém procura tenazmente formar seu retângulo, porém não cede nada a seus colegas?
- Quantos estão realmente empenhados em formar um retângulo?
- Quais os membros do grupo que ficam ansiosos ou frustrados por não conseguir formar seu retângulo?
- Houve algum momento crítico em que os membros do grupo começaram realmente a cooperar?
- Quem tentou violar as regras do jogo?

Recurso de Apoio 3: Texto *Criando comunidades de vida e ação*  
**Oficina 10**

**Criando comunidades de vida e ação**

Para além das cargas intimistas e individualistas que se associaram à paz, trata-se de uma noção essencialmente intersubjetiva, que diz respeito ao modo como estabelecemos – ou deixamos de estabelecer – as relações com os outros humanos. Sendo mais do que a soma de indivíduos isolados em paz, a cultura de paz se desenvolve e se estabelece precisamente na interação e no jogo entre os sujeitos. A paz, como afirma o filósofo francês Lévinas, não é a paz dos cemitérios, o fim dos combates pela falta de combatentes, mas uma relação que parte do eu para o outro. Mais do que a soma de indivíduos em paz é exatamente o resultado da própria interação das pessoas e grupos em obter consenso e acordos.

A educação para a paz não se inspira na idéia de um sujeito (individual e social) universal e auto-suficiente – e por isso competitivo –, mas em uma racionalidade que se constrói cooperativamente no diálogo, comunicação e intercâmbio entre indivíduos e sociedades que estão historicamente contextualizados. Isto acontece, em primeiro lugar, porque os sentidos não são estabelecidos individualmente, mas através do jogo inter-relacional. Mais do que um processo limitado à formação de sujeitos pacíficos, a educação para a paz apresenta-se de forma intersubjetiva, como inserção em uma comunidade pacifista. E a questão verdadeiramente decisiva será a constituição e a manutenção desta comunidade pacifista, simultaneamente auto-educadora e educadora para a paz, tanto na dinâmica interna de construção de relações recíprocas, como na articulação com outras comunidades e grupos igualmente empenhados na luta pela paz.

Um aspecto fundamental neste sentido é o diálogo, entendido não apenas como uma conversação, mas do diálogo que somos como pessoas. O diálogo não como algo que se acrescenta ao ser humano, mas sua dimensão constituinte e constituidora. O diálogo, como modo de existência, é a superação do isolamento do sujeito e a afirmação da alteridade, uma vez que supõe sempre, ao menos, dois parceiros que interagem. O esquema que estrutura o diálogo não é um-depois-do-outro, mas um-com-o-outro. O tomar parte em um diálogo devolve-nos a nós mesmos, ao mesmo tempo em que nos manifestamos sem dominar e nos abrimos sem auto-anular-nos, na disposição em receber a palavra que vem a nós pelo outro. Neste aspecto, o diálogo se aproxima da experiência do encontro e da amizade, e seu maior obstáculo é a intolerância. Intolerância é o que impede o outro na parceria do diálogo. A tolerância consiste na tentativa de superação dos conflitos de interpretações, ou seja, no reconhecimento do pluralismo da verdade e no não-dogmatismo. A descoberta da pluralidade das culturas é a descoberta da alteridade e de nós próprios como um outro entre outros. Há, de fato, um déficit de nossa civilização ocidental naquilo que diz respeito a compreender e dialogar, constituindo uma verdadeira carência comunicativa. Apesar de todos os progressos técnicos e científicos



da humanidade, não se aprende suficientemente como se aprende a conviver, ao mesmo tempo em que se demonstra uma incapacidade para o diálogo e uma crescente monologização de comportamento humano.

A importância da compreensão, do diálogo e da amizade deve tornar o educador para a paz duplamente atento. Por um lado, para não ceder à tentação dos monólogos ostensivos ou disfarçados - estes muito mais perigosos pela ilusão que fornecem de dialogar -, os quais torna a educação para a paz uma espécie de doutrinação. Por outro lado, a vigilância se exerce para garantir a excelência do diálogo no coração da educação para a paz. Daí que uma das tarefas e preocupações do educador para a paz será a constituição desta comunidade dialogante e o desenvolvimento de relações e do estabelecimento da autoconfiança interna do próprio grupo. O primeiro e condicional processo na educação para a paz é o estabelecimento, a constituição e a criação desta comunidade pacifista. O tratamento das relações interpessoais ocupa um lugar de destaque na educação para a paz, constituindo-se como um dos seus pilares. De um lado, porque se trata de um objetivo com valor em si mesmo: desenvolver a capacidade de diálogo. Por outro, trata-se de um meio ou instrumento no qual se apóia a educação para a paz para conseguir uma convivência harmônica. Se não aprendermos a compreender o outro, a estabelecer com ele relações de solidariedade e parceria, não poderemos realizar as tarefas essenciais da humanidade, nem no que tem de menor, nem no que tem de maior. Como ocorre com a forma de educar, intimamente ligada a ela, as relações interpessoais não apenas devem estar em consonância com os objetivos propostos, mas são em si mesmo um conteúdo de aprendizagem imprescindível em todo processo educativo enquanto este se fundamenta precisamente nas relações humanas. A educação para a paz começa construindo relações harmônicas entre os membros da comunidade educativa. A dinâmica que o diálogo autêntico instaura habilita os participantes do processo de educação para a paz para prosseguirem em suas tarefas pacifistas. A comunidade, na dinâmica do diálogo e da compreensão, aponta ela mesmo para a compreensão maior que se deseja para a humanidade, tornando-se, ao mesmo tempo, ícone, ensaio e referência de paz.

Trata-se, sobretudo, do aprendizado da convivência e o estabelecimento de relações de cooperação, ultrapassando a lógica competitiva da sociedade. Elemento importante desta dinâmica é a participação, como catalisador da coesão, na medida em que os membros de um grupo se sintam co-responsáveis pela ação que estão realizando. Nada mais prejudicial a um trabalho de grupo que uma eu-quipe, isto é, uma pessoa ou um pequeno grupo que monopoliza as decisões e/ou as ações. Para uma participação ativa, é importante lembrar que:

- todos devem participar das **decisões** do grupo. Escolher os rumos e opções de uma ação compete a todos os participantes e não é tarefa apenas de sua coordenação ou liderança;
- todos devem participar das **ações** do grupo, sendo descobertas e valorizadas as capacidades de cada um;
- todos devem participar dos **benefícios** da ação. O que foi decidido e realizado por todos deve ser usufruído por todos!

As técnicas cooperativas de gestão, de comunicação intrapessoal, de relações humanas, e dinâmicas de grupo, possuem, neste contexto, um sentido importante, embora não constituam o fim da educação para a paz. A educação para a convivência, como alguns estudiosos chamam a educação para a paz, adquire transcendência, não como totalidade da educação para a paz, mas como possibilidade de fortalecimento e empoderamento do grupo sujeito e protagonista. Mesmo ao longo do processo de educação para a paz não convém descuidar desta dimensão, como forma de manter o próprio dinamismo grupal. É claro que estes recursos não possuem, como nada em educação, resultado imediato ou se estruture a partir da lei ação-reação, mas revelam-se como possibilidade de criar as condições para o estabelecimento de uma autêntica comunidade de diálogo. Ao mesmo tempo, os participantes da comunidade pacifista necessitam sentir-se como integrantes de uma rede ou teia maior. As dinâmicas comunitárias serão enriquecidas se forem acompanhadas de dinâmicas de participação nos mais diversos níveis, através das quais o grupo entra em contato com os diversos atores do movimento pacifista e entabula um processo de relação, vinculando este grupo e comunidade a uma comunidade maior, inserindo-o na dinâmica da cultura da paz e do movimento pacifista, estendendo a dinâmica da comunidade da tolerância. A cultura de paz, mais do que nunca, estabelece-se a partir de um longo trabalho em rede.





## Recurso de Apoio 4: *Dinâmicas de integração e confiança*

### Oficina 10

#### **Dinâmicas de integração e confiança**

##### Rodada afetuosa

Trata-se de estimular as pessoas a sentirem-se bem dentro do grupo. Os participantes se distribuem pelo salão. Todos irão caminhando livremente sempre atentos a seus companheiros, tentando comunicar algo agradável. O facilitador dirá em voz alta como comunicar-se: com os olhos, com as mãos sem tocar, com a boca sem falar, etc.

##### Garrafa bêbada

Em círculo com 10 pessoas, sendo que uma ficará no centro e será a garrafa bêbada. A garrafa ficará plantada no centro e será passada de mão em mão.

##### Piscina de ondas

Dois grupos paralelos com a mesma quantidade de pessoas, frente a frente, onde o membro de um grupo deverá segurar firmemente os pulsos das pessoas do outro grupo e vice-versa. A dinâmica consiste, em que uma das pessoas se jogue nos braços das pessoas que formaram a piscina de ondas e seja por elas levadas até o final da mesma.

##### Espelhos

Todo mundo fica num círculo. Olhar para o líder. O animador se move com muita lentidão e os outros o imitam seus movimentos como se fossem o seu reflexo. O animador deve enfatizar a lentidão e a ação conjunta deste jogo. No segundo momento, o espelho poderia ser feito em pares e o terceiro momento com música lenta. Este jogo treina concentração, observação, comunitariedade e silêncio.

##### Construir a máquina

Este jogo desenvolve inclusão e a prática de fazer decisões. Preferivelmente, dividir as pessoas em grupos de 4 a 7, pedindo que cada grupo faça uma máquina usando todas as partes. A máquina deve ser demonstrada para os outros. O tipo de máquina pode ser sugerido para os participantes.

##### Pintura alternativa

Trata-se de realizar uma pintura em conjunto, com papel, pincéis e tinta. O grupo deve estar em silêncio. Colocar o papel e o material no centro da sala. Cada pessoa vai fazendo um traço no papel até que todos consigam terminar a "obra". Analisa-se os pensamentos e sentimentos vividos (cooperação, conflito, subordinação). Valorizará os obstáculos e a riqueza da cooperação.

##### Abraços musicais cooperativos

Trata-se de saltar no ritmo da música, abraçando-se a um número progressivamente maior de companheiros até chegar a um grande abraço final. Ninguém deve ficar sem ser abraçado. Uma música soa, os participantes começam a dançar; quando a música para, cada pessoa abraça a outra. A música continua, os participantes começam a dançar, se querem, podem dançar com o companheiro. Na seguinte vez que a música parar, se abraçam três pessoas. O abraço vai ficando cada vez maior até chegar a um grande abraço final.